

O TRABALHO

Órgão da Corrente O Trabalho do Partido dos Trabalhadores - Seção Brasileira da 4ª Internacional

www.otrabalho.org.br

R\$ 4,00 (solidário R\$ 5,00)

nº 827 - de 10 a 24 de maio de 2018

1º DE MAIO POR LULA LIVRE



LIVRE E CANDIDATO ELEIÇÃO SEM LULA É FRAUDE

Juventude

Estudantes em greve
na UnB
pág. 2

Luta de Classe

Servidores em greve
em Florianópolis
pág. 4

História

Maio de 1968 na França
Parte 1
pág. 9

África do Sul

Milhares de trabalhadores
pararam em 25 de abril
pág. 10

Estudantes da UnB estão em greve

Exigência é a recomposição imediata do orçamento da universidade

Os estudantes da Universidade de Brasília (UnB), em assembleia geral realizada no último dia 2, decidiram pela paralisação das atividades acadêmicas. A greve é pela recomposição imediata do orçamento da universidade que hoje conta com um déficit de 92,3 milhões de reais. Os estudantes exigem a suplementação de verbas oriundas do Tesouro Nacional, além da liberação de recursos próprios e emendas parlamentares hoje congelados no Ministério da Educação.

A greve é o ponto alto de um movimento que vem exigindo negociações com o Ministério da Educação (MEC) desde o dia 10 de abril. O

MEC se recusa a negociar e articula com a polícia e provocadores para destruir manifestações pacíficas das entidades representativas dos 3 segmentos da universidade.

Na assembleia foi aprovado um comando geral de greve composto pelos Centros Acadêmicos de cada curso. Esse comando vem traçando um calendário diário de atividades públicas como oficinas, aulas públicas, debates e cineclubes para aprofundar a discussão orçamentária dentro e fora da UnB. Essas iniciativas têm como objetivo também ajudar os docentes a consolidarem posições contra a política de cortes do governo federal e mergulhar no movimento de greve consolidando

a paralisação total das atividades acadêmicas e administrativas.

Lutar pela revogação da EC 95

Em resolução aprovada no dia 8 de maio, o Conselho de Entidades de Base do DCE referenda os encaminhamentos da assembleia geral e convida a União Nacional dos Estudantes a utilizar a greve da UnB como ponto de partida para uma jornada nacional de lutas pela revogação da Emenda Constitucional (EC) 95 que congelou os investimentos nas áreas sociais e hoje coloca em risco a manutenção das universidades públicas.

A Juventude Revolução está junto a este movimento, participa do comando geral de greve, e aponta que

a situação da educação cada vez mais põe na ordem do dia a luta em defesa da democracia. O executivo que corta é aliado do judiciário golpista que condenou e prendeu o ex-presidente Lula sem provas a fim de fraudar as eleições. Não apenas por Lula ser o candidato escolhido pela maioria do povo brasileiro como comprovam as pesquisas, mas também por ser aquele que apresenta condições de interromper o golpe no Brasil, revogando a Emenda 95, a reforma trabalhista, a terceirização e abrindo via para o futuro que queremos. Esse futuro passa por uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

Helio BC

Comitê pela liberdade de Lula

Impulsionado por jovens no Instituto Federal de SP



Ato de lançamento do comitê

No último dia 25, estudantes, professores e técnicos administrativos do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus São Paulo, fizeram o lançamento do comitê de resistência e luta pela liberdade de Lula.

A atividade, impulsionada pelo Núcleo da Juventude Revolução, reuniu o conjunto da comunidade acadêmica para discutir sobre a defesa da liberdade de Lula e o direito de sua candidatura. O manifesto de fundação do comitê afirma: "Nos últimos dias vimos a condenação e prisão ilegal de Lula, consolidada por um sistema jurídico parcial e vendido. Tornaram-no um preso político para impedir que o projeto democrático que ele representa seja novamente eleito pelo povo, permitindo que continuem sendo concretizadas todas as medidas que visam acabar com direitos básicos historicamente conquistados pelo povo.

Nós, estudantes e cidadãos, não podemos ficar à margem dessa situação. Precisamos unir nossas forças! É necessário nos organizar e articular mobilizações efetivas e contínuas, visando dialogar e conscientizar o povo

trabalhador sobre esse grave momento atual que afetará diretamente nossas vidas.

Por isso resolvemos constituir um comitê popular, inicialmente composto por alunos, professores e técnicos administrativos do Instituto Federal de São Paulo para lançar o "Comitê de Resistência e luta pela Liberdade de Lula".

No ato de lançamento do Comitê os convidados fizeram falas sobre a situação e a importância da iniciativa. Márcio, diretor de base no campus, falou representando o SINASEFE (Sindicato Nacional dos servidores federais da educação básica, profissional e tecnológica). Antônio Carlos, membro da Direção do PCO, falou representando o Partido. Wesley Rage, 3º Vice Presidente da UNE, estudante do campus, falou representando a entidade. E o Gian Alfredo, diretor do DCE livre da USP falou pelo DCE.

A conclusão do comitê foi fazer reuniões quinzenais para organizar atividades de panfletagens, colagem de cartazes, palestras e outras atividades.

Correspondente

Congresso extraordinário da JPT

Em Curitiba, será aberto por um ato Lula Livre

Nos dias 1 a 3 de junho acontecerá em Curitiba a etapa nacional do congresso extraordinário da Juventude do PT (JPT). Nos finais de semana ao longo do mês de maio devem acontecer algumas etapas estaduais e municipais. A etapa nacional será aberta com um grande ato por Lula livre nas ruas de Curitiba.

Este ocorre quase três anos depois do 3º congresso que terminou numa crise, quando várias correntes romperam com o quadro do congresso abandonando a plenária final. Resoluções e direção eleitas ainda são do período anterior ao golpe.

Decidido com atraso, e num formato "extraordinário", este congresso adia os processos "ordinários" para o ano que vem. Ele elegerá uma direção de composição sobre a base da proporcionalidade do 6º congresso nacional do PT e recomenda a recomposição das direções estaduais por consenso. Em todas as etapas, é preciso ter um ano de filiação para ser delegado.

Jovens se voltam para o PT

Apesar disso, o congresso ocorre num momento crucial, pois a prisão de Lula e a perseguição ao PT fazem aumentar em amplas parcelas da juventude a percepção do lugar ocupado pelo próprio PT e a necessidade de defesa da liberdade e da candidatura de Lula. Candidatura que é um instrumento para resistir ao conjunto de medidas do golpe que atingem a juventude como o aumento do desemprego e da evasão escolar, a brutal ampliação do



1º de maio em Curitiba

genocídio da juventude negra e os efeitos da EC 95 sobre as universidades.

Não por acaso, se contam já aos milhares o número de jovens filiados ao PT nos últimos meses, enquanto volta a crescer na juventude a vontade de resistir às medidas do golpe, e Lula é candidato preferido entre os jovens.

Nas universidades por exemplo, já se desenvolvem essas lutas de resistência, expressas nas recém decretadas greves estudantis além da UnB (ver acima) e agora na Federal do Mato Grosso. O papel e o desafio dos jovens petistas nessa situação é o de conseguir explicar que há uma ligação entre a luta pela liberdade do Lula, como saída política e a luta por cada reivindicação concreta da juventude e dos trabalhadores.

É nesse sentido que os militantes da Juventude Revolução buscarão se engajar nas etapas do congresso extraordinário para combater com a JPT, começando por preparar as caravanas a Curitiba no início de junho. O congresso é uma oportunidade para discutir com estes jovens que, tendo se filiado ou se aproximado do PT, procuram um meio de se organizar para a luta.

Luã Cupolillo

Nenhuma tergiversação!

Ao sair da visita ao ex-presidente Lula, no último dia 7, Leonardo Boff passou o recado do companheiro: “sou candidatíssimo!”.

Recado alvissareiro. Numa situação em que a burguesia se mostra incapaz de ganhar nas urnas, tanto mais ela necessita tirar Lula da parada. Por isso, intensifica as pressões para o PT “virar a página” e aderir a um plano B (uma candidatura substituta a Lula).

Pressão que corresponde à lógica de camuflar o golpe: impedir a candidatura Lula, mas com o PT legitimando, cassado em seu direito de indicar o candidato que escolheu. O que exclui milhões e milhões de brasileiros que querem votar em Lula. E, por sua vez, deslegitimaria o resultado da eleição para presidente.

Sim, seria uma fraude eleitoral. Só assim, numa eleição sem legitimidade, os golpistas podem “legitimar” nas urnas seu plano de prosseguir o desmonte da nação iniciado por Temer que usurpou a cadeira presidencial.

O país derrete. O índice de desemprego estoura, mais e mais trabalhadores são jogados na informalidade ou recebendo no máximo dois salários mínimos. As famílias trabalhadoras voltam a cozinhar com carvão e lenha, pois não podem mais pagar pelo botijão de gás. A soberania nacional é vilipendiada.

Para prosseguir, as forças que promoveram

o golpe estão unificadas para impedir a candidatura Lula, mas, ao mesmo tempo, estão totalmente divididas sem candidato competitivo, em crise profunda, portanto, também fragilizadas.

Por isso, a Globo, os jornais e institutos de pesquisa tentam apagar Lula. O juiz Sergio Moro avança novos processos, a chance do Supremo Tribunal Federal corrigir as ilegalidades cometidas é escassa.

UNIDADE COM LULA LIVRE, PT É LULA PRESIDENTE

É também o jogo do imperialismo. Os interesses que querem tirar Lula das urnas são os mesmos que estão a gritar que não reconhecerão as eleições venezuelanas no próximo 20 de maio.

Mais do que nunca, a maioria oprimida precisa do ponto de apoio que dispõe, para fazer frente a esta guerra e abrir uma saída para viver com dignidade e em paz.

A responsabilidade que incumbe ao PT é monumental.

Nenhuma tergiversação é admissível em relação à decisão partidária do seu 6º Congresso, reafirmada em todas as resoluções posteriores: Lula é nosso candidato para uma vez eleito, revogar as medidas golpistas

e, com uma Constituinte Soberana, fazer as reformas estruturais a favor da maioria do povo trabalhador e da nação brasileira. Foi o que ele próprio disse no último discurso em São Bernardo.

Nenhuma audiência aos ecos internos ao PT de um plano B! Ecos que levam a repetir os erros, aliancistas e conciliadores, que nos fragilizaram e facilitaram o golpe.

Não tem plano B, com outro candidato, do PT, de “de esquerda” ou “progressista”. A única unidade capaz de derrotar o golpe, e que interessa ao povo, é “Lula Livre, Lula Presidente”!

Qualquer outro caminho fraudava a vontade da maioria trabalhadora, única que, instruída e chamada a agir, tem a força de libertar Lula e a nação.

Urge que o partido adote um Plano de Ação que dê um norte aos apoiadores de Lula Presidente, aos Comitês Lula Livre que se formam e a todas entidades democráticas. Foi o que o Dialogo e Ação Petista propôs ao Diretório Nacional do PT.

E no dia 15 de agosto, como prevê a lei eleitoral, inscrever Lula que fará campanha, na condição que estiver, como o candidato do PT!

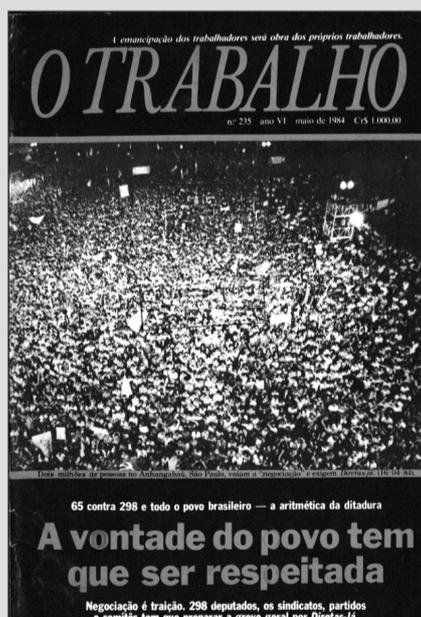
Isto é possível e necessário, é o único meio de reunir a maioria oprimida que no dia a dia resiste e busca a saída política do golpe.

Memória - Especial 40 anos



MOVIMENTO OPERÁRIO – Edição extra sobre a greve dos metalúrgicos de São Paulo, elaborada com membros da Oposição Sindical.

Edição nº 12 extra – 31/10/1978



DEMOCRACIA – Maioria dos deputados votou a favor da emenda das Diretas-Já, mas leis da ditadura impediram aprovação.

Edição nº 235 – maio de 1984



INTERNACIONALISMO – Os trabalhadores e os povos resistem às medidas do imperialismo no México, em Honduras e em todo o mundo.

Edição nº 665 – 15/10/2009

ASSINE!

**JORNAL
O TRABALHO**

**Há 40 anos
a serviço da
luta da classe
trabalhadora**

Quem somos

O jornal O TRABALHO é o órgão da Corrente O Trabalho do PT, seção brasileira da 4ª Internacional. Sua edição nº 0 foi lançada em 1º de maio de 1978, em plena ditadura militar. Um jornal a serviço da luta dos trabalhadores, no Brasil e no mundo, ele se mantém fiel desde então à luta pelo fim do capitalismo, pela emancipação dos trabalhadores que será obra dos próprios trabalhadores. Em toda sua história, manteve o compromisso assumido em 1º de maio de 1978: “um jornal independente dos patrões, de seus partidos e governo”. É por isso que ele se sustenta, exclusivamente, pela venda junto aos trabalhadores e jovens, os nossos leitores. Ele é vendido de mão em mão ou por assinaturas e toda arrecadação é para manter o próprio jornal.

Site: www.otrabalho.org.br

Facebook: www.facebook.com/jornalotrabalho

Diagramação: Mariana Waechter

Servidores mantém greve em Florianópolis

Prefeito não atende reivindicações e responde com truculência

A greve dos servidores municipais de Florianópolis chega a 28 dias, enfrentando a truculência do prefeito Gean Loureiro (MDB). A categoria entrou em greve contra a lei das Organizações Sociais (OSs) na cidade, enviada pelo prefeito à Câmara Municipal.

Apesar da forte mobilização dos servidores, com apoio da população, a lei foi aprovada e sancionada pelo prefeito. Os servidores continuam em greve exigindo o atendimento da pauta de reivindicações, cuja data base é 1º de maio, e a revogação da lei.

A pauta pede reajuste de 4,51%, vale alimentação de 30 dias por mês, com valor de R\$ 24,00 por dia, para todos os trabalhadores, plano de carreira para o magistério, com a retomada dos concursos públicos. Além do acordo não cumprido de 2017 de reajuste pela inflação e reposição de perdas.

A proposta da prefeitura está muito longe disso. Ela prevê a reposição da inflação, que foi de 2%, parcelado em dois meses, mas condicionado ao limite da Lei de Responsabilidade Fiscal, ou seja, não está garantido. Em relação ao vale alimentação, o município aumentará 5% já no próximo mês. Quanto aos dias parados propõe descontar 5 dias e reposição dos demais dias de greve. O governo promoveu o corte de 12 dias de salários e mantém o processo judicial que estabelece multa de R\$ 100 mil por dia aplicada ao sindicato por conta da greve.

Para Renê Munaro, presidente do Sin-



8 de maio: após assembleia servidores realizam ato no centro de Florianópolis

trarem, sindicato da categoria, a proposta é “vergonhosa, e o governo duvida da resistência dos trabalhadores”.

Em assembleia os servidores rejeitaram a proposta, decidiram manter a greve e lançar um abaixo assinado que pede a revogação da lei que criou as OSs. Nova assembleia ocorre no dia 10.

Chantagem não é negociação!

O governo fechou as portas para negociação e foi para TV com matéria paga e tenta chantagear os servidores a voltarem ao trabalho, além de continuar atacando o Sintrasem. “Nós não vamos aceitar! Queremos a valorização dos trabalhadores e somos contra a privatização dos serviços. Entramos nessa greve juntos e vamos sair juntos, ainda mais unidos. O prefeito tem dinheiro

para pagar matéria na TV e não tem para nos atender”, disse Renê.

Atendimento na praça

Os servidores da saúde pública municipal, em greve, foram para a praça pública fazer atendimento à população. Foi montada uma barraca no centro da cidade e os profissionais fizeram mais de 400 atendimentos.

O prefeito tenta jogar o povo contra os servidores, mas o fato é que o apoio da população à greve só aumenta.

Para Ana Júlia, presidente da CUT Santa Catarina, “A CUT com as centrais sindicais estamos juntos na luta contra as OSs, em defesa do serviço público e em defesa dos servidores públicos de Florianópolis”.

No fechamento desta edição realiza-

va-se uma audiência de conciliação no Tribunal de Justiça de Santa Catarina, onde o tribunal busca um acordo “antes de julgar os pedidos da prefeitura para congelamento dos bens do sindicato e responsabilização dos dirigentes sindicais pelo descumprimento de decisão judicial.” Mais uma vez é a justiça buscando intimidar o legítimo movimento de greve

João B. Gomes

REVOGAÇÃO DAS OSs

No 1º de maio, a diretoria do Sintrasem soltou um manifesto pedindo apoio à greve e chamando a unidade. O manifesto, distribuído para categoria e no ato do 1º de Maio realizado em Curitiba, se somava a “luta em defesa de Lula Livre por entender que a esse ataque não é dirigido a uma pessoa, mas ao que ele representa”.

Continua o manifesto: “Pedimos também solidariedade a todos à nossa greve para enfrentar o governo golpista de Gean e seu projeto de desmonte do serviço público, entendendo que esse não é um processo isolado. Por isso, propomos também a retomada da campanha nacional pela revogação da lei da OSs e, desde já, nos colocamos como articuladores de um encontro em Florianópolis que possa alavancar essa luta”. O texto conclui chamando as entidades a se somarem neste combate, respondendo positivamente à proposta.

Petroleiros e eletricitários discutem paralisação

Trata-se de barrar as privatizações do patrimônio público

Em 26 de abril, diante da sede da Petrobras no Rio, a Federação Única dos Petroleiros (FUP) organizou um ato público para denunciar a política de Pedro Parente à cabeça da empresa desde o golpe de 2016. Um calendário de assembleias nas bases foi adotado para deliberar sobre uma greve nacional.

Em 12 de maio será feito um balanço dessas assembleias e uma possível data de paralisação, diante da venda anunciada de quatro refinarias, vários terminais e dutos.

Já os eletricitários, representados pela Federação Nacional dos Urbanitários (FNU) também se mobilizam para a greve. Eles não receberam qualquer resposta da direção da Eletrobrás sobre a pauta da campanha salarial e já fizeram um dia nacional de paralisação em 16 de abril. Também seus sindicatos discutem um calendário de

mobilização que, naturalmente, deve se acoplar ao dos petroleiros.

Para o final de maio está programado um grande ato conjunto com movimentos populares contra a privatização da CESP em São Paulo. Segundo os dirigentes sindicais do setor, o governo Temer quer privatizar a Eletrobrás em relação com o controle de multinacionais sobre as águas no país, pois boa parte da energia vem de hidrelétricas.

A luta contra a privatização é de todos

Em São Paulo, deputados estaduais do PT lançaram a Frente Parlamentar contra a Privatização da Eletrobrás em 26 de abril. Um bom exemplo para envolver todos na luta contra as privatizações, pois trata-se da liquidação do patrimônio público construído com o esforço de toda a sociedade, em particular dos

trabalhadores brasileiros.

Uma unificação das ações de petroleiros e eletricitários é de vital importância para engajar o conjunto do movimento sindical, a CUT e o PT, nessa batalha que concentra a luta em defesa da soberania nacional.

A luta contra as privatizações se confunde com a luta contra o conteúdo do golpe – atacar direitos sociais e trabalhistas, entregar as estatais ao capital privado, pisotear a democracia – e por isso se liga também à luta por Lula Livre, que hoje concentra a resistência dos trabalhadores e do povo para botar fim ao “estado de exceção” em que a nação foi mergulhada.

Todo apoio aos petroleiros e eletricitários, a luta contra as privatizações é em defesa do Brasil!

Julio Turra



ELEIÇÕES NO ANDES

No momento de fechamento desta edição, ocorria a eleição para direção do Andes-SN, o Sindicato Nacional dos Docentes de Instituições de Ensino Superior. Os companheiros da chapa 2, Renova Andes, batalham para ter um sindicato que lute pelas reivindicações dos docentes e que participe da luta contra o golpe e por Lula livre, e que volte a realizar verdadeiras campanhas salariais. Na foto, os professores Eduardo Forneck e Jaqueline Durigon, da FURG, a Universidade Federal de Rio Grande (RS).

CRESCER A RESPONSABILIDADE DO DAP

Lula está preso há mais de um mês. Como diz o Comunicado do Comitê Nacional do Diálogo e Ação Petista de 14 de abril, “a luta pela liberdade de Lula concentra a defesa da democracia e das conquistas obtidas com muita luta pelo povo trabalhador, concentra a possibilidade da construção de uma nação livre e soberana, concentra o futuro do próprio PT”.

Nesse quadro, aumenta o papel do DAP, quando defende que a candidatura de Lula é inegociável, quando rechaça as pressões para que o PT aceite um “plano B”, em outras palavras, que encare a prisão de Lula como fato consumado, que rife a sua candidatura.

É hora de aprofundar a luta. Para isso, é fundamental criar e fortalecer os grupos de base do DAP. O DAP fala uma linguagem clara:

Lula livre!

Lula candidato do PT a presidente do Brasil!

Eleição sem Lula é fraude!

No 1º de Maio em Curitiba

Militantes do Diálogo e Ação Petista de vários estados estiveram em Curitiba no 1º de Maio, ocupando um lugar de destaque na manifestação, com faixas, pirulitos e palavras de ordem.

A participação do DAP foi preparada numa plenária, realizada de manhã na Vigília Democrática Lula Livre. A plenária, coordenada por Júlio Turra, da Executiva Nacional da CUT e do Comitê Nacional do DAP, contou com a presença de cerca de 80 militantes, entre os quais integrantes da Juventude Revolução.

A plenária começou com um informe sobre a greve dos servidores municipais de Florianópolis, à qual o DAP presta seu apoio. Em seguida, Júlio Turra fez uma exposição sobre a situação política, marcada pela prisão de Lula, na qual o 1º de Maio



Plenária do DAP pela manhã organizou a coluna ao 1º de Maio

nacional em Curitiba devia ocupar um lugar central. Turra referiu-se ao Comunicado do DAP de 14 de abril, lendo alguns trechos, entre os quais destacou aquele que diz que a candidatura Lula é inegociável.

Por fim, organizou-se a presença no 1º de

Maio, inclusive a questão da segurança dos militantes contra possíveis provocações.

O resultado foi que o DAP teve uma participação de destaque, principalmente com as palavras de ordem que puxou junto com a JR (“Não tem

plano B/primeiro turno é Lula do PT”, “O Brasil já sabe/eleição sem Lula é fraude”, “Michel Temer/a parada é a seguinte/ Você sai, Lula volta/ Pra fazer Constituinte”), assumidas por grande parte dos manifestantes.

EM TODO O BRASIL

O DAP esteve presente nos atos de 1º de Maio em cidades de todas as regiões do país. Em Maceió, DAP e Juventude Revolução agruparam cerca de 60 militantes de Arapiraca, Girau e São Sebastião, além da capital.

Em Juiz de Fora (MG), o vereador Betão, do DAP, reforçou o sentido da luta Lula Livre, Lula Inocente, Lula Presidente, e defendeu a Constituinte para revogar as medidas dos golpistas e promover as reformas populares.

O DAP também esteve com suas faixas e palavras de ordem nos atos de Fortaleza, Recife, Salvador, Feira de



No Recife, coluna do DAP se fez presente no 1º de maio

Santana, Vitória, Rio de Janeiro, Goiânia e Brasília, entre outras cidades.

GRUPOS DE BASE ORGANIZAM DEBATES

O grupo de base do Diálogo e Ação Petista de Santos organizou um debate, em 28 de abril, com o deputado federal Vicentinho (PT-SP). Na sede PT municipal, com cerca de 30 presentes, Vicentinho apresentou os resultados da 9ª Conferência Mundial Aberta contra a Guerra e a Exploração, realizada em Argel em dezembro último. Vicentinho foi um dos nove membros da delegação brasileira.

A Conferência foi chamada pelo Acordo Internacional dos Trabalhadores e Povos, ao qual o Diálogo e Ação Petista é aderente. Da reunião participaram militantes de várias cidades da Baixada Santista, o vereador do PT de Santos Chico Nogueira (que participou da 1ª CMA, ocorrida em Barcelona em 1991) e o presidente Bartolomeu do PT de Santos.

Vicentinho explicou que a ofensiva que vemos no Brasil contra os direitos é mundial, acontece de diferentes formas em outros países. A participação dos brasileiros na 9ª CMA também foi importante para ampliar a luta contra a prisão (na época havia a ameaça) de Lula e agora ajuda a ampliar a solidariedade e a luta pela sua libertação.



Vicentinho relata resultados da Conferência Mundial Aberta

Vicentinho informou que os filhos de Lula, tão atacados no período anterior com dezenas de falsas denúncias, estão hoje desempregados e com dificuldades pessoais de sobrevivência.

A atividade terminou com uma foto com todos chamando: Lula Livre!

Em Minas Gerais

O DAP realizou dia 28 de abril em Uberlândia, no Triângulo Mineiro, um debate sobre o Golpe na Democracia e a Luta por Lula Livre, com o deputado federal Patrus Ananias e o vereador Betão, do PT de Juiz de Fora.

O DAP de Santos Dumont MG está realizando uma campanha de coleta de assinaturas em defesa da do mandato do vereador petista Conrado, ameaçado de cassação.

SP ELEGE COORDENAÇÃO MUNICIPAL

Em reunião realizada dia 23 de abril, o Diálogo e Ação Petista da capital paulista elegeu sua coordenação municipal e discutiu as atividades dos comitês Lula Livre que são animados na cidade pelo DAP. A receptividade da população tem sido muito boa, segundo os relatos, como a proposta de Central de Cartas, proposta pelo Comitê Lula Livre de Ativis-

tas do Teatro, que o DAP abraçou.

Na reunião foram tirados vários encaminhamentos, como a participação no 1º de Maio na Praça da República com pirulitos do DAP, confecção de materiais e a organização de panfletagens no dia 7 de maio, quando se completou 30 dias da prisão política do companheiro Lula.

Comitês na base sindical e nos bairros

Avanços da organização da campanha por Lula Livre

Em São Bernardo do Campo (SP), um novo Comitê Lula Livre foi criado, dias após o da Ford (v. OT 826). Agora, foram os metalúrgicos demitidos na Panex, transferida no final de 2017 para Itatiaia (RJ). No dia 27 de abril, eles fizeram seu lançamento ao lado da sede do Sindicato.

Formar o comitê tem a ver com um dos motivos da preferência por Lula na pesquisa: a expectativa de que sua eleição reverta o duro quadro de desemprego. O metalúrgico Crivone Leite, que trabalhou na Panex 25 anos e ajudou a organizar o Comitê, explicou à Tribuna Metalúrgica: "Discutimos o momento e a importância de, mesmo tendo saído da Panex, continuar a luta, porque a situação no País não é boa e isso implica também os filhos, irmãos, vizinhos".

Jornalistas

Jornalistas paulistas também vão neste caminho. No dia 8 de maio, um ato no Sindicato em defesa da democracia e da entidade - sob ataque das empresas de comunicação por criticá-las e defender a liberdade de Lula -, reuniu cerca de 130 pessoas. O debate ligou a defesa pela grande mídia das medidas antipopulares de Temer, com os ataques da mídia a seus empregados,



Em São Bernardo, demitidos da Panex formam o Comitê Lula Livre

usando a reforma trabalhista para retirar direitos e rebaixar os salários.

Os presentes decidiram um Comitê Lula Livre que vai se reunir no dia 16, para levar a luta às redações. O jornalista Paulo Moreira Leite resumiu a disposição de todos: "nós já sabemos o que temos que fazer, lutar pela liberdade de Lula. Agora o que eu quero é tarefa."

Trabalhadores do Judiciário

Mesmo no Poder Judiciário, os trabalhadores estão se mobilizando. Em Porto Alegre (RS), o Comitê de Servidores (as) do Judiciário organizou um debate sobre o Estado de Exceção com 120 pessoas, no dia 2. A atividade foi na sede do Sindicato dos Municipários porque o Sintrajufe, sindicato da categoria dirigido pelo CSP-Conlutas, não emprestou o auditório.

Os presentes eram da Justiça Federal, do Trabalho e Eleitoral, incluindo servidores do TRF-4. O sucesso animou outras categorias a anunciar novos comitês. O que mostra ser possível resistir ao golpe e defender a liberdade de Lula entre os trabalhadores na base. O Comitê também lançou uma Carta Aberta à categoria ligando a defesa do serviço público à democracia.

Argumentos de diálogo com o povo

O Comitê da Zona Oeste (SP) faz reuniões semanais. As atividades atraíram petistas afastados, jovens inexperientes mas muito dispostos, e gente do povo querendo saber o que está ocorrendo: Lula será mesmo candidato? Muitos são ávidos por material, um contato de panfletagem numa feira de domingo, foi à banca em outro local, três dias depois, pintar sua camiseta "Lula livre".

Cem cartas a Lula já foram recolhidas. Às vezes é o panfleto que

motiva. Se percebe o efeito da mídia golpista. São ouvidas frases: "Lula roubou, mas fez muito pelo povo" ou "são todos ladrões, por que só ele está preso?" É preciso esclarecer que Lula foi condenado sem provas, num processo irregular.

Quando se explica que Lula está preso porque querem impedir que seja eleito e reverta as medidas de Temer, a maioria entende. Outra frase muito dita: "Mesmo preso, eu voto nele".

A discussão pode desbloquear a situação e se opor à avalanche golpista. Só a presença do Comitê falando ao povo, já anima os que se sentem isolados. Como disse uma senhora, dia 6, na feira do São Domingos: "Como faço para participar? Ficar em casa sem fazer nada dá muita aflição".

Priscilla Chandretti
e Cláudio Soares



Comitê Zona Oeste da capital paulista em diálogo com a população

Vigília Lula Livre, a resistência em Curitiba

Referência nacional da campanha pela libertação de Lula

Um mês de prisão de Lula é também um mês do esforço de muitos milhares de militantes e cidadãos, de manter de pé a Vigília Lula Livre, depois da brutal repressão no dia da chegada de Lula à Polícia Federal em Curitiba, 7 de abril.

Desde então, ele resiste à pressão permanente, apesar da paz com a maioria dos moradores da região. O poder público já tentou despejá-lo para longe, mas teve que negociar com a Coordenação (CUT, MST, PT e entidades), a sua realocação num terreno a 800 metros da PF, onde se formou o acampamento Marisa Letícia, mas mantendo a vigília de solidariedade na frente da PF.

Em geral, delegações se revezam após de 3 ou 4 dias, mantendo-se sempre algumas centenas "residentes", da cidade e do interior, mas também de estados vizinhos e distantes. Vieram também personalidades nacionais e internacionais, e parlamentares que dão visibilidade. Petistas na maioria, os acampados, fazem atividades culturais, debates,



Desde 7 de abril, militantes sustentam vigília em frente à Polícia Federal, onde Lula está preso

dialogam com visitantes da cidade (muitos se filiaram ao PT), e saem para panfletagens em outras regiões.

É um foco de solidariedade e de proteção a Lula, que os ouve, recebe e envia mensagens. Funciona como um irradiador nacional, ao mesmo

tempo que cria a solidariedade.

Não confiar no Estado podre

A reação nunca aceitou o acampamento, os coxinhas hostilizam. O prefeito Greca (PMN) voltou a pedir que a Justiça transfira Lula dali, como

já fez a própria PF. No dia 8, a PM, sob responsabilidade do governo do PSDB, reduziu e quase retirou a proteção noturna. O que facilita novos ataques, como o do delegado da PF, morador do entorno e ex-candidato pelo PR, Gastão Scheffer, que destruiu o equipamento de som dia 4.

Sobretudo, porque não foi ainda apurado nem punido, o atentado da noite de 28 de abril, quando um criminoso filmado em vídeo fez cerca de 20 disparos, ferindo uma mulher e mais gravemente Jefferson de Lima Menezes, sindicalista de São Bernardo que fazia a segurança.

Concentrando, a vida política do país, a experiência da Vigília indica a escalada de barbárie golpista. Coloca às organizações de massa a necessidade de se auto-defender, pois não se pode confiar na polícia, na justiça e no aparato de Estado apodrecido.

O que só mostra ao Brasil e ao mundo a urgência da eleição de Lula Presidente para reverter esta situação e estabelecer a paz.

Markus SoKol

1º de maio reafirma defesa de Lula

No Ato Nacional de Curitiba, a grande maioria grita “não há plano B”

Milhares chegaram em caravanas de todo o país, a partir da véspera, no acampamento que a militância mantém próximo à sede da Polícia Federal como forma de solidariedade ao presidente Lula.

Ali, pela manhã, milhares gritaram o “bom dia, presidente Lula!”

Saindo do acampamento, uma passeata espontânea percorreu 8 quilômetros até a praça Santos Andrade, onde se reuniram 30 mil pessoas, incluindo muitos jovens.

O ato foi construído em unidade de sete centrais sindicais puxada pela CUT - praticamente pela primeira vez desde a ditadura militar - que colocaram no centro o protesto contra a prisão de Lula e a reforma trabalhista. Incluindo

a Força Sindical, que no caso do Paraná tem mobilizado contra a condenação de Lula.

A manifestação teve a presença de representantes sindicais da CTA da Argentina e do Sindicato metalúrgico UAW, dos Estados Unidos.

O Diálogo e Ação Petista esteve presente, com uma coluna de 80 militantes do Paraná e de fora, com os seus pirulitos, e animou o povo com gritos de “Lula presidente”, “eleição sem Lula é fraude” e “não tem plano B”, retomados por muita gente.

Vaias espontâneas ofuscaram a fala de Juruna, da Força Sindical de SP, e a de Aldo Rebelo, agora no Solidariedade, com gritos de “golpista” e “traidor”. Boulos (PSOL) e Manuela

(PCdoB) foram aplaudidos.

Gleisi Hoffman, presidente do PT, encerrou lendo a carta enviada por Lula ao ato e terminou com “não tem plano B, Lula é o candidato do PT!”

Foi um 1º de Maio contra o plano B e de afirmação de “Lula livre, Lula inocente, Lula presidente”.

Falta um Plano de Ação

Os demais atos nas Capitais foram em geral mais fracos. O maior foi em São Paulo com 5 mil pessoas.

A baixa mobilização sindical no 1º de Maio mostra que o desafio de levar o Lula Livre para os locais de trabalho segue de pé.

Em praticamente todos os atos houve presença organizada do DAP.

Todavia, não se apontou em nenhum ato, nem Curitiba, a continuidade da campanha em defesa de Lula.

Faz falta a adoção, a partir do PT que tem a responsabilidade, e daí para partidos, sindicatos e frentes (Brasil Popular e Povo Sem Medo), de um plano de conjunto: um Plano de Ação, envolvendo a militância das diferentes entidades, não para reunir entre si, mas para dialogar com os diversos setores populares que atinge, em ações próprias e sincronizadas em escala nacional. Só assim se mobilizará a força capaz de tirar Lula da cadeia, garantir-lhe a vitória e depois a posse na presidência.

É o que corresponde ao desejo militância ouvida em Curitiba e do povo ouvido nas pesquisas.

CAMPANHA INTERNACIONAL

Argélia: parlamentares na embaixada do Brasil

Iniciativa do PT argelino em nome do Acordo Internacional dos Trabalhadores (AcIT)

Em resposta ao chamado do AcIT pela libertação de Lula, os parlamentares do Partido dos Trabalhadores da Argélia - Djelloul Djoudi, líder da bancada, e Youssef Tazibt - foram recebidos no dia 2 de maio por Eduardo Botelho Barbosa, embaixador do Brasil em Argel.

A delegação explicou que trazia apoio à luta do PT, da CUT e do povo brasileiro pela libertação de Lula. Lembrou que o embaixador, há dois anos, desaprovou os métodos utilizados pelo juiz Sergio Moro contra Lula.

A delegação questionou a injustiça do golpe de Estado contra Dilma Russuff e agora da tentativa de impedir Lula de ser candidato à eleição de outubro, ele que é o candidato favorito dos brasileiros.

A delegação reiterou que como presidente ele propiciou um progresso social inegável ao retirar da pobreza 40 milhões e ao adotar leis favoráveis aos trabalhadores. Lembrou a intromissão do Exército no “debate”, quando dois generais defenderam a prisão de Lula. Outros fatos foram citados para apoiar os brasileiros que dizem que uma eleição sem Lula é fraude.

O embaixador reconheceu que a situação no Brasil é sombria. Que o processo contra Lula é inédito, ainda que na América Latina tenha havido a prisão de Fujimori, presidente do Peru. Imediatamente objetado pela delegação como comparação insultuosa.

O embaixador confirmou que Lula é o homem mais popular do país, mas caiu na pesquisa de 35% para 31% após a prisão; que ele mesmo votará em Lula e ninguém nega sua contribui-

ção ao progresso social. Criticou Dilma por ter Temer como vice-presidente e por ter nomeado o ministro liberal Levy para as finanças, o qual se mostrou, ele disse, um desastre econômico.

Afirmou que Lula não foi condenado definitivamente, mas deverá continuar cumprindo sua pena.

O embaixador disse que se Lula ainda for candidato na eleição, será o líder, mas ser presidente dependerá de outras coisas.

A delegação reiterou as ilegalidades feitas para destituir Dilma e prender Lula. Que são as multinacionais e as grandes potências, que desagregam Estados para saquear suas riquezas,

que estão por trás da operação judicial contra Lula. O que arrisca mergulhar o Brasil numa instabilidade crônica.

Esse temor é compartilhado pelo embaixador que declarou que a eventual ausência de Lula na eleição poderá provocar uma abstenção recorde e resultará num presidente ilegítimo e fraco.

Ao final, a delegação expressou o desejo de reencontrá-lo, após outubro, para apresentar os parabéns pela eleição de Lula como presidente do Brasil. O embaixador respondeu que quando isso acontecer, “lembrem-se que eu disse coisas bonitas de Lula, sobre o progresso social”.



Ao centro o embaixador Barbosa, ladeado pelos deputados Djelloul e Youssef

DEBATE #LULALIVRE EM PARIS

Dia 3 de maio, na Bolsa do Trabalho, o Núcleo do PT-Paris, promoveu um debate de Markus Sokol, da Executiva Nacional do PT, com Christian Rodriguez, responsável pelo Setor América Latina da “França Insubmissa” (partido de Mélenchon).

Sala cheia em dia de greve de transportes, na maioria de franceses, entre eles, Albert Peirano, Conselheiro Nacional do PSF, militantes do POI - Partido Operário Independente, do PCF - Partido Comunista Francês, além de associações latino-americanas. Rodriguez, solidário pela liberdade de Lula, disse que ele é único capaz de aglutinar o povo brasileiro em torno de um projeto.



Sokol trouxe a denúncia do envolvimento do Departamento de Justiça dos EUA e do FBI, na orientação da Operação Lava-jato. E convidou todos a visitar o Acampamento em Curitiba, o que alguns já se dispuseram.

Coube aos presentes de origem latino-americana lembrar da importância geoestratégica do Brasil.

O compromisso dos presentes ao final era de não descansar enquanto Lula estiver na prisão.

13 de maio de 1888

130 anos depois, a abolição inacabada

A escravidão no Brasil durou de 1550 até 1888, três séculos de exploração do povo negro trazido da África.

Para o movimento negro, o dia 13 de maio, não é de comemoração, mas sim de luta contra o racismo e de esclarecimento que a Lei Áurea ainda é um processo inacabado. Pois se ela acabou com a escravidão formal, as famílias negras não tiveram acesso à terra e ao trabalho, condições essenciais para uma nova vida. Os escravos libertos tampouco tiveram acesso a saúde, a educação e moradia, continuaram com uma condição de vida sub-humana.

O trabalho que os negros exerciam na condição de escravos, depois da abolição, passou a ser remunerado e exercido por

trabalhadores brancos, em grande parte chegados ao Brasil como imigrantes.

Quando os negros foram sequestrados da África, só não tiraram deles uma coisa, o instinto de sobrevivência. É isso que permitiu o povo negro chegar até aqui.

O negro durante os 300 anos de escravidão, vendido ou alugado, trabalhando e vivendo em condições sub-humanas, não sobrevivia, em média, a mais de 30 anos de idade.

Nessas condições de existência, tudo

que vinha do povo africano, era desqualificado. Suas crenças religiosas, sua cultura, suas características físicas. Para se impor à população negra a condição de escravo, além de usar a força da arma, o chicote e os castigos em geral, também se construiu uma cultura nos negros de autonegação, para diminuir as chances de reação contra o regime escravista.

Quando os negros criaram a capoeira, a estrutura policial das elites da colônia ficou encarregada de impedir

esteve submetido durante três séculos.

Os 54% de negros que compõem a população brasileira estão na parte de baixo da pirâmide em termos de emprego e condições de vida. Como os escravos libertos não tiveram habitação, foram empurrados para construir favelas, para os guetos e periferias, o que permanece até hoje, sem condições básicas de existência, água, esgoto, saúde, transporte, acesso à cultura e salários dignos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

gro. Segundo o IBGE, dos 13 milhões de desempregados no final de 2017, 63,7% eram negros e pardos. Agora, com a contrarreforma trabalhista do governo golpista, o país caminha de volta para o passado, a legalização do aumento da exploração, do lucro dos empresários, da semiescravidão, para trabalhadores negros e brancos.

Julio Ribeiro



130 anos depois do fim da escravidão, o negro sofre a violência do Estado e é superexplorado

a prática daquela modalidade.

Os negros que eram pegos praticando capoeira eram condenados a levar 300 chicotadas. Uma maneira de reprimir qualquer forma de autodefesa, para evitar que isso pudesse virar uma ameaça aos proprietários de escravos e ao regime vigente.

Heranças da escravidão

130 anos depois da abolição do trabalho escravo, o povo negro no Brasil sofre as consequências da exploração a que

(IBGE), no último trimestre de 2016, a renda média do trabalhador brasileiro era de R\$2043,00. O rendimento dos brancos era de R\$2660,00, maior que a média, enquanto o do trabalhador negro era de R\$1461,00.

A violência atinge mais os negros, tratados em geral como suspeitos. A cada 100 pessoas assassinadas, 71 são de origem negra. Nos presídios a fotografia é a mesma. O trabalho precário, assim como o desemprego, atinge mais diretamente o povo ne-

O Brasil do golpe

1. Desemprego: total de pessoas desocupadas (sem emprego ou "bico") chegou a 13,7 milhões, num impressionante salto de 1,5 milhão de pessoas em relação ao trimestre anterior. Falta pouco para que se iguale o pico histórico do desemprego - 14,2 milhões - o que não aconteceu porque mais pessoas passaram a trabalhar sem carteira ou a viver "por conta própria" - leia-se, na maioria dos casos, de "bicos". Nem estes contingentes, porém, escaparam neste trimestre, amargando quedas de 3,6% e 1,1%, respectivamente.

2. Precarização: a contrarreforma trabalhista desemprega e os empregos que surgem são cada vez mais precários. O Brasil só criou empregos formais, neste ano, com remuneração de até dois salários mínimos (R\$ 1.908). Anos atrás, contudo, o Brasil criava oportunidades com remunerações maiores: no início de 2008, por exemplo, gerava-se vagas de até quatro salários mínimos, e de sete a dez. O Brasil também atingiu o menor número de trabalhadores de carteira assinada dos últimos seis anos, revelou o IBGE. Pela primeira vez no período, o número foi inferior a 33 milhões de pessoas, num total de 90,5 milhões de pessoas consideradas ocupadas no trimestre janeiro-fevereiro-março deste ano.

3. Carvão e lenha: com a forte alta no preço do gás de cozinha, cinco vezes maior que inflação - segundo ANP (Agência Nacional do Petróleo), aumento de 16,4% em 2017 no botijão, já descontada a inflação - 1,2 milhão de brasileiros a mais passaram a usar lenha ou carvão para cozinhar, com o número total passando dos 12 milhões. Pesquisa do IBGE aponta que aumento em números absolutos foi maior no nordeste, com 400 mil lares a mais em 2017, seguido do sudeste com 244 mil e norte com 239 mil. Entre as capitais a que teve maior alta foi Curitiba, que triplicou o número de lares: de 18 para 51 mil! No Maranhão o número de famílias que usam carvão e lenha já se aproxima de 45%!

A questão da moradia

Tragédia do desabamento em de São Paulo revela drama da cidade e do país

Após o desastre do incêndio e desmoronamento do prédio no centro de São Paulo na madrugada de 1º de Maio, os movimentos de luta por moradia popular estão se articulando para fazer frente aos ataques que o Prefeito, Governador e áreas federais realizaram pela imprensa. Culpando os movimentos e sugerindo criminalização, eles inverteram a lógica e, praticamente, jogaram nas costas do povo pobre a culpa pela existência de habitações precárias. Evidentemente não explicaram a raiz do problema fundiário das grandes e médias cidades brasileiras, onde o déficit de moradia não para de aumentar. Só na capital paulista constatou-se que 1% dos do-

nos de imóveis na cidade concentra 45% do valor imobiliário. São R\$ 749 bilhões em casas, apartamentos, terrenos e outros bens registrados no nome de 22,4 mil proprietários - os mais ricos entre 2,2 milhões de proprietários de imóveis da capital. Em dados quantitativos, isso representa 820 mil imóveis.

Essa concentração da propriedade faz com que os alugueis, mesmo de imóveis pequenos, continuem com preços impossíveis de uma família trabalhadora arcar. Assim, o número de famílias sem casa só aumenta.

Com o drama do desemprego, cresce ainda mais a situação de pessoas que se veem na rua com filhos, gente idosa, uma chaga

social enorme vista em todos os bairros da maior cidade do país.

No momento que fechamos esta edição estava prevista uma primeira manifestação, que envolveria, pela primeira vez os mais diversos movimentos de luta por Moradia.. O Movimento Independente de Luta por Habitação de Vila Maria que dirige a difícil luta das 2 mil famílias da Ocupação Douglas Rodrigues está participando ativamente da organização do Ato e defende a necessidade dessa ampla unidade para fazer frente aos ataques do PSDB e da imprensa golpista.

Henrique Ollitta

1968: o maio-junho francês – parte 1

O levante estudantil prepara a entrada em cena dos trabalhadores

Dando sequência à série de artigos sobre o ano de 1968 (ver OT 825), destacamos os acontecimentos de maio e junho na França.

Com efeito, as primeiras imagens que vem à cabeça sobre 1968 são as dos estudantes franceses ocupando as ruas de Paris e seus slogans de “É proibido proibir”, “A imaginação no poder”, dentre outros.

Mas, ao contrário do que diz a grande imprensa sobre os 50 anos do maio-junho francês, via de regra reduzindo-o a uma revolta juvenil no plano dos costumes – liberdade sexual, mal-estar diante do conservadorismo – ele exprimiu um sentimento mais profundo na juventude e na classe trabalhadora de se ver livre do regime de Gaulle¹. Senão como explicar a greve geral de 1968, a maior e mais poderosa realizada pela classe trabalhadora francesa?

Os estudantes se levantam contra a 5ª República

A origem dos acontecimentos se deu em 22 de março, quando o prédio da administração da Universidade de Nanterre (Paris-10) foi ocupado em protesto contra a prisão de estudantes numa manifestação contra a guerra do Vietnam².



1ª semana de maio de 1968

Em 3 de maio, diante da agitação crescente, tropas de choque invadem a Sorbonne e prendem 600 estudantes. De pronto milhares de jovens se concentram no Quartier Latin³ e confrontam a polícia aos gritos de “Libertem nossos companheiros” e “Abaixo o plano Fouchet” (nome do ministro da Educação) que desqualificava os diplomas e queria reduzir o número de cursos universitários.

Diante do tamanho da revolta, a União Nacional dos Estudantes da

França (UNEF) convocou a greve geral para 6 de maio, pedindo apoio da população e convidando os sindicatos de professores e de operários a organizarem em conjunto a jornada de greve.

O governo e a classe dominante perceberam o risco e tentam quebrar o movimento, contando com o apoio da direção do Partido Comunista (PCF) para isolar os estudantes do movimento operário. Na capa do *Humanité* (jornal do PC), o dirigente Georges Marchais denuncia “falsos revolucionários que devem ser desmascarados” e chama a “combater e isolar completamente todos os grupelhos esquerdistas”.

Vale lembrar que o PCF, ligado a Moscou, era a força hegemônica na esquerda francesa e considerava “grupelhos” os trotsquistas, maoístas, anarquistas e outras correntes presentes no movimento. Havia os que, com frases radicais, também queriam impedir a união com o movimento operário e sindical, como Cohn-Bendit⁴ que dizia “os sindicatos são bordéis e a UNEF é uma puta”.

Mas, em 6 de maio, as forças policiais atacaram várias vezes a enorme passeata que não se rompeu e os manifestantes ficaram donos das ruas. Nos dias seguintes, as manifestações crescem e juntam estudantes com jovens trabalhadores. Nelas, dezenas de milhares respondem aos dirigentes do PCF: “Nós todos somos um grupelho!”.

Em 10 de maio, um primeiro comunica-

do comum da UNEF com as centrais sindicais CGT e CFDT propõe “um amplo movimento de união dos trabalhadores e dos estudantes”. À noite, barricadas são montadas em torno da Sorbonne, que segue ocupada pela polícia. No dia seguinte, o jornal da FER⁵ escreveu: “Os estudantes e jovens trabalhadores demonstraram sua coragem e vontade de combater, enquanto os Cohn-Bendit e outros pequeno-burgueses demonstraram sua falência política”.

A indignação popular diante da repressão da noite de 10 de maio se combinou com o início da mobilização da classe operária, com os sindicatos convocando uma greve geral de 24 horas para 13 de maio. O governo, diante desse anúncio, retira a polícia da Sorbonne e liberta a maioria dos estudantes presos em 3 de maio.

Mas a greve geral vai envolver o conjunto da classe trabalhadora, como veremos na próxima edição, entrando no mês de junho.

Notas

1. Charles de Gaulle: presidente da França (1959-69), chefe de um regime bonapartista – o regime do “golpe de Estado permanente” como se dizia – feroz adversário da esquerda francesa. Morreu em 1970.

2. Guerra do Vietnam (1961-75): continuidade da guerra movida pela França contra a independência do Vietnam em 1955, foi concluída com uma derrota do imperialismo dos EUA. A juventude nos EUA e em várias partes do mundo fez um amplo movimento pela retirada das tropas invasoras.

3. Quartier Latin, ou Bairro Latino de Paris, onde está a sede da Universidade Sorbonne.

4. Daniel Cohn-Bendit (1945): político franco-alemão, líder estudantil em 1968. Hoje se diz a favor do capitalismo e a “uma ecologia que regule a economia de mercado”.

5. Federação dos Estudantes Revolucionários, animada por militantes trotsquistas da então OCI, hoje a Corrente Comunista Internacionalista (CCI) do Partido Operário Independente (POI).

“500 MIL TRABALHADORES NO QUARTIER LATIN”

Depoimento de Gerard Franquin, militante da FER em 1968¹

“Eu tinha 23 anos e estava na faculdade de letras de Paris onde era membro da FER, que constituímos uma semana antes do 3 de maio.

Nas frequentes discussões que tínhamos com o camarada Lambert², ele sempre citava a frase de Trotsky: ‘Quando os estudantes partem para o combate, o proletariado está logo atrás’.

Em 3 de maio sai do trabalho e cheguei no Quartier Latin. Eu conhecia muita gente, pois era dirigente da UNEF-Sorbonne e membro da FER. Me lembro de ter dito numa reunião: ‘Toda a juventude se levanta contra a 5ª República. Agora a grande questão é a classe operária! Os trabalhadores não nos deixarão isolados. Unidos com eles obrigaremos de Gaulle a recuar’.

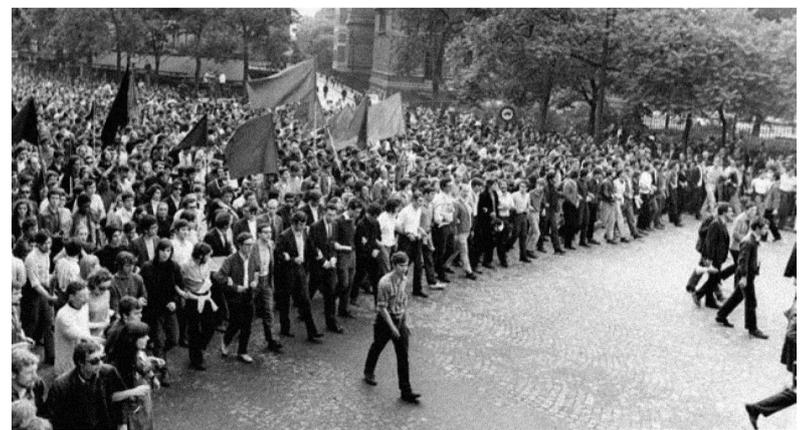
A orientação da FER se concentrou na palavra de ordem ‘500 mil trabalhadores no Quartier Latin’. A luta pela frente única operária se concentrava num objetivo preciso: uma manifestação de operários e estudantes, convocada por suas organizações, para fazer o poder recuar.

Em todos os panfletos, intervenções, nas portas de fábricas, afirmávamos a necessidade da união dos trabalhadores e estudantes. Mas não era assim para todos. A JCR de Alain Krivine³, por exemplo, era contra essa união, pois diziam não ter confiança numa ‘classe operária stalinizada’ e que era preciso construir ‘novas vanguardas jovens’.

Mas não tardou para que a combatividade dos estudantes tivesse eco na classe operária”.

Notas

1. Publicado originalmente em “Informations Ouvrières” n° 500, órgão do POI francês.
2. Pierre Lambert (1920-2008), dirigente trotsquista da OCI à época, faleceu há dez anos em 16 de janeiro, deixando como legado, além de sua participação no movimento operário e sindical francês, seu papel decisivo no combate pela reconstrução da 4ª Internacional, re proclamada em 1993.
3. Alain Krivine (1941): líder estudantil em 1968, fundador da Juventude Comunista Revolucionária (JCR) e em 1969 da LCR, seção do Secretariado Unificado (SU) revisionista da 4ª Internacional que se dissolveu em 2009 no Novo Partido Anticapitalista (NPA).



Milhares de estudantes se manifestam por suas reivindicações e pela libertação de companheiros presos

Milhares de trabalhadores param na África do Sul

Jornada convocada por nova central sindical teve grande adesão em 25 de abril

Milhares de trabalhadores da África do Sul (Azânia, como o povo chama sua nação) fizeram greve no dia 25 de abril, contra a decisão do presidente Cyril Ramaphosa de impor um salário mínimo de miséria e realizar uma reforma das leis trabalhistas visando a restringir a ação dos sindicatos.

A greve, acompanhada de atos públicos e passeatas, foi a primeira ação de massas convocada pela nova Federação Sindical Sul-africana (Saftu, na sigla em inglês), constituída em oposição ao Congresso de Sindicatos Sul-africanos (Cosatu), ligado ao governo.

Os organizadores saudaram esse grande sucesso, embora os observadores não esperem que o governo de Ramaphosa e seu partido, o Congresso Nacional Africano (CNA), recuem, ao menos por enquanto.

A jornada de protesto aconteceu em uma atmosfera crescente de luta de classes e ação sindical independente na África do Sul-Azânia, e coincidiu com uma greve nacional dos motoristas de ônibus desencadeada em 18 de abril por aumento salarial.

A Saftu, constituída há um ano,

tem pelo menos 700 mil associados, em cerca de 20 sindicatos, sendo o mais importante o Sindicato Nacional dos Metalúrgicos da África do Sul (Numsa). A federação é dirigida por Zwelinzima Vavi, ex-secretário-geral do Cosatu.

Os manifestantes, muitos dos quais usando camisetas vermelhas, protestaram contra a decisão do governo de decretar um salário mínimo nacional de 20 rands por hora (equivalentes a cerca de R\$ 5,60), ou 3,5 mil rands mensais (R\$ 980), que eles denunciaram como estando no nível da "linha de pobreza". A Saftu reivindica um salário mínimo de 12,5 mil rands mensais (R\$ 3,5 mil).

Restrição ao direito de greve

A nova federação sindical independente se insurgiu também contra a Lei de Relações Trabalhistas (Labour Relations Act), a qual exige que os sindicatos consultem seus associados antes de poder convocar uma greve. Isso é visto pela Saftu como uma séria restrição ao direito de greve.

As novas normas do direito do trabalho impedem também a Saftu de participar do Conselho Nacional do

Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (Nedlac), na qual têm assento a Cosatu e duas outras centrais sindicais, a Federação dos Sindicatos da África do Sul e o Conselho Nacional dos Sindicatos, porque a nova federação não abriu suas finanças nem seu registro de aderentes.

É nesse quadro do Nedlac, que reúne sindicatos, empresas e governo, que a Cosatu e as outras centrais sindicais aprovaram o salário mínimo e as reformas da lei do trabalho. Segundo a Saftu, as outras entidades sindicais concordaram com a exclusão da Saftu do Nedlac.

Vavi declarou que haverá novas ações de massa se as reivindicações dos trabalhadores não forem atendidas. Ele chamou também os trabalhadores a romperem com a assembleia tripartite do Nedlac, cuja estrutura tende a subordinar o movimento operário aos patrões e ao governo.

Esses protestos aconteceram enquanto Ramaphosa, um ex-presidente do Cosatu que se tornou empresário antes de chegar ao governo do país, concedeu a si próprio, recentemente, um grande aumento



Manifestação de 25 de Abril na Cidade do Cabo

de salário como chefe de Estado. Ramaphosa assumiu o cargo de presidente da África do Sul em fevereiro, substituindo Jacob Zuma, forçado a renunciar em razão de acusações de corrupção.

Correspondente

EUA têm onda de greves de professores

Conquista das reivindicações na Virgínia Ocidental impulsiona movimentos em outros estados

A greve dos professores na Virgínia Ocidental mostrou o caminho a todos os professores dos Estados Unidos (EUA). Em nove dias de uma greve apoiada por assembleias gerais maciças, de 23 de fevereiro a 3 de março, eles conquistaram 5% de reajuste e a cobertura social que reivindicavam.

O desenvolvimento dessa mobilização é instrutivo: em 27 de fevereiro, os representantes sindicais anunciaram ter chegado a um acordo com o governador republicano sobre o aumento de salários, mas não sobre a proteção social, e propuseram o fim da greve. As assembleias gerais, porém, continuaram firmes em suas reivindicações e decidiram manter a greve, que passou a ser considerada ilegal.

Em 2 de março, o governador cedeu às reivindicações, antes que o Senado



Professores de manifestam em Oklahoma, em 2 de abril diante da sede do Senado local

estadual da Virgínia Ocidental votasse no dia seguinte contra o acordo, para depois voltar atrás, completando a demonstração da força que teve o movimento.

Desde então, greves de professores surgiram nos estados onde os salários são mais baixos. Em Oklahoma, a ameaça de parar o trabalho conseguiu um aumento de salário para US\$ 6,1 mil; os dez dias de greve que se seguiram, porém, não

lograram elevar esse aumento para US\$ 10 mil, nem obter outras reivindicações.

O sindicato OEA, de Oklahoma, decidiu interromper a greve, o que pegou de surpresa muitos professores. Sem a realização de assembleias gerais, os grevistas retomaram o trabalho, convencidos de que teria sido possível continuar o movimento e conquistar todas as reivindicações.

Antes da volta ao trabalho, uma deputada democrata de Oklahoma tuitou mensagem para agradecer "do fundo do coração" aos professores por sua greve, e lhes explicar o que significava não parar a luta: "Se vocês prosseguirem seu engajamento, e canalizarem o seu poder, mudarão a maioria em novembro". Ela se referia às eleições de meio mandato, que renovarão a maioria dos parlamentares nos EUA.

Greve ou apoio aos democratas?

O que concentra todos os problemas é a posição de apoio aos democratas expressa por duas organizações de massa, a NEA (Associação Nacional dos Professores, da qual a OEA é a seção de Oklahoma), que afirma ter 3 milhões de associados e está a meio caminho entre ser uma organização profissional e um sindicato de trabalhadores, e a AFT (Federação Americana dos Professores), o sindicato de professores vinculado à central sindical AFL-CIO, com 1,5 milhão de associados. Ambas são sustentáculos tradicionais do Partido Democrata.

Em reação a essa situação, e à consequente timidez dessas entidades na defesa das reivindicações dos professores, a greve e as manifestações no Arizona foram organizadas sob a etiqueta "Arizona Educators United" (Professores do Arizona Unidos), com o apoio, no entanto, da AEA (seção da NEA). No dia 26 de abril, 50 mil professores se manifestaram diante do Capitólio do Arizona.

Ferroviários franceses mantêm greve

Força do movimento se apoia na unidade dos trabalhadores e seus sindicatos

Pela oitava vez desde o início de abril, os ferroviários na França pararam o trabalho nos dias 8 e 9. Um poderoso movimento se desenvolve na categoria, que tem decidido em assembleias gerais por todo o país fazer greve durante dois dias a cada cinco trabalhados. A unidade obtida entre os ferroviários e seus sindicatos já é considerada um fato histórico.

Os ferroviários lutam pela manutenção do estatuto dos trabalhadores, que garante diversos direitos, e recusam a transformação da SNCF, a estatal das ferrovias, em sociedade anônima e sua abertura à concorrência, via para a privatização. O movimento exige a retirada do projeto do governo de Emmanuel Macron que determina essas medidas.

O jornal "Informações Operárias", do Partido Operário Independente (POI), registrou a discussão realizada em assembleia geral no dia 4 numa estação de Paris (Gare de Lyon), com 120 ferroviários. Um após outro, os representantes dos sindicatos falaram, com o objetivo de desmontar as mentiras que o governo e a direção da SNCF difundem sobre o movimento.

O dirigente vinculado à central sindical CGT citou o apoio da população à greve e disse que, "se formos derrotados, o governo se aproveitará disso para liquidar tudo, as convenções coletivas, a seguridade, as apo-



Em 5 de maio, dezenas de milhares nas ruas contra Macron

sentadorias". A assembleia terminou com o voto pela recondução da greve, por unanimidade, e a organização de piquetes.

O voto na Assembleia Nacional do projeto de "reforma", em primeira leitura, fez aumentar a raiva dos trabalhadores. No dia 7, o primeiro-ministro Édouard Philippe recebeu, separadamente, dirigentes das centrais sindicais e federações de ferroviários. Seria, supostamente, uma negociação. Philippe afirmou, porém, que não seriam objeto de discussão os eixos principais do projeto:

abertura à concorrência, transformação em sociedade anônima e fim do recrutamento de pessoal com base no estatuto dos ferroviários, a partir de 2020. São justamente as medidas contra as quais a greve foi convocada.

O que o primeiro-ministro se declarou disposto a discutir? A retomada, pelo Estado, da dívida da SNCF. Dívida essa que é resultado das medidas dos sucessivos governos, e não responsabilidade dos ferroviários.

No início de abril, um estudo de especialistas, divulgado pelos jornais, indicou que a origem da dívida da

SNCF, superior a 50 bilhões de euros, está nas decisões de criação de linhas de grande velocidade. Numa bola de neve, a empresa pública se endividou cada vez mais para pagar os juros de financiamentos. Desde 2010, 57% dos empréstimos feitos pela companhia no mercado financeiro destinam-se ao pagamento da própria dívida. Apenas 41% vão para a manutenção da rede ferroviária.

Disposição de luta

As declarações dos dirigentes sindicais, após a reunião com o primeiro-ministro, mantiveram a disposição de prosseguir a luta. O secretário-geral da confederação da CGT, Laurent Brun, disse: "Para nós, claramente, a greve continua".

O dirigente da confederação da FO, François Grasa, afirmou: "Não há nada hoje que possa fazer parar a greve. Os ferroviários não estão em greve por uma retomada hipotética da dívida, mas pela retirada do projeto de lei".

Não são poucos os comentaristas, na mídia, que especulam sobre a eventual divisão da frente sindical – até agora sem sucesso. A exigência de manutenção do estatuto liga a imensa maioria dos ferroviários, como mostram todas as assembleias gerais dos trabalhadores.

Cláudio Soares

O que se passa na Nicarágua?

Daniel Ortega suspende "reforma" da Previdência, mas situação é instável

Entre os dias 17 e 22 de abril a Nicarágua foi abalada por mobilizações lideradas por estudantes universitários que se opunham à reforma da Previdência encaminhada pelo governo de Daniel Ortega e sua esposa Rosário Murillo (vice-presidente com grande peso político no país).

Tudo começou com um protesto dos estudantes da Universidade Centro-americana (UCA, privada) na capital Manágua, que foi reprimido por militantes armados da Juventude Sandinista (JS-19). O repúdio aos agressores provocou novas manifestações com barricadas e enfrentamentos com as tropas antimotins da Polícia Nacional.

A luta generalizou-se para as Universidades públicas em outras regiões do país, com o apoio de setores populares, defendendo o direito à manifestação e contra a repressão. Em uma semana a ação da polícia e de franco-atiradores do Exército provocou mais de 30 mortos e 121 feridos.

Os manifestantes atacaram "árvores da vida" – estruturas metálicas espalhadas na capital – que são símbolos da nova ideologia expressa por Rosário Murillo (paz, amor, governo cristão, socialista e solidário). Prefeituras do interior e prédios públicos também foram atacados. No domingo, 22 de abril, começaram saques no comércio.

O presidente sandinista Daniel Ortega, que havia culpado "bandos de marginais" pelas mortes e a violência, no mesmo dia 22 anunciou que havia sido retirada a proposta de "reforma" do Instituto Nicaraguense de Seguridade Social (INSS).

Os grandes ausentes nessa mobilização foram os trabalhadores organizados. Tampouco houve uma clara direção política na mobilização dos estudantes.

Empresários se aproveitam da situação

Daniel Ortega e Rosário Murillo governam o país desde 2007 e para

concentrar o poder em suas mãos livraram-se de várias lideranças históricas da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) que comandou a revolução de 1979 que botou abaixo a ditadura Somoza.

O movimento sindical é fragmentado em cinco centrais e uma organização camponesa, com destaque para a Central Sandinista que apoiava uma reforma branda. A explosão estudantil fez o governo recuar de uma proposta de "reforma", inspirada pelo FMI, que aumentava as cotizações para o INSS, percentualmente mais para os patrões, mas também para os trabalhadores.

O governo dos EUA, desde o início das mobilizações, condenou a "violência desnecessária" e chamou ao diálogo. Com a instabilidade criada e o governo na defensiva, os empresários, através de sua confederação (COSEP) e a cúpula da Igreja Católica passaram a chamar

atos de rua e foram convidados por Ortega para um diálogo nacional.

Sobre o tema da reforma do INSS, a posição da COSEP é mais dura do que a do plano apresentado pelo governo e ela também se choca com a recomendação do FMI de acabar com as isenções fiscais que beneficiam a burguesia local.

Importantes dirigentes sandinistas, como Bayardo Arce, vieram a público dizer que a reforma proposta por Ortega "foi um equívoco", reconhecendo que houve repressão da Polícia Nacional e de "simpatizantes do governo". O que mostra descontentamentos acumulados dentro da própria FSLN.

De todo modo há uma virada na situação política na Nicarágua, que coloca em questão a capacidade do casal presidencial Ortega-Murillo de seguir governando como vinham fazendo.

Lauro Fagundes

Venezuela na reta final das eleições presidenciais

Maduro é favorito, o desafio é recuperar a economia nacional

As eleições de 20 de maio serão determinantes para atacar de forma firme a raiz da crise econômica, que é o reflexo de uma economia rentista dependente do capital internacional, num momento em que a Venezuela é acossada por todos os lados.

O imperialismo dos EUA e seus aliados, como o Parlamento Europeu e o fracassado Grupo de Lima, arrogantemente exigem a suspensão das eleições, em desprezo às instituições democráticas constituídas pelo povo venezuelano.

O governo de Donald Trump não exclui uma intervenção militar do cenário. A mesma poderia se dar com vários pretextos: “restabelecer a democracia”, “razões humanitárias” ou “falência do Estado”.

O cerco inclui as fronteiras do país. O governo títere de Temer no Brasil militariza a fronteira em Roraima a pretexto da onda de imigrantes, enquanto o da Colômbia constrói acampamentos para “refugiados”. Assim não cessa o cerco e a asfixia contra o país, com a intenção de provocar uma ruptura interna.

Há pouco mais de um ano, em 1º de maio de 2017, o presidente Nicolás Maduro convocou eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, o que deu ao chavismo a iniciativa política na situação interna. No mesmo dia ele falou da necessidade da vitória eleitoral para derrotar a especulação e a guerra econômica, o que atraiu ampla participação popular nas eleições Constituintes.

Mas, até hoje, a situação econômica segue em retrocesso: a hiperinflação causa estragos para os trabalhadores do campo e da cidade, para os empregados públicos, autônomos e classe média. O desabastecimento continua, bem como a pouca disponibilidade de dinheiro vivo, enquanto as máfias do contrabando de alimentos, remédios e todo o tipo de produtos agem em todo o território nacional.

As medidas do governo de aumento de salários, subsídios diretos e indiretos (luz, água, internet, gasolina etc) e transferências de renda para os setores populares (bônus familiares), não dão conta da gravidade da situação econômica.

Golpe nos operadores da guerra financeira

Nesse cenário, o procurador geral Tarek William Saab iniciou a “Operação Mãos de Papel” para investigar operadores financeiros (bancos e agências). Essa operação, apoiada pelo vice-presidente executivo Tarek



Dezenas de milhares com Maduro, no 1º de Maio em Caracas

El Assaimi, visa atacar as distorções e irregularidades das taxas de câmbio bolívar-dólar e o contrabando de papel moeda.

Os primeiros a serem pegos foram os executivos do Banesco, banco privado que sofreu intervenção do Estado.

Mesmo diante de uma crise econômica tão profunda e das imensas dificuldades que ela traz para o povo, milhares de pessoas participam dos comícios de Maduro, que aparece favorito diante de outros candidatos à presidência da nação, como Henry Falcón (do setor da oposição que participa do pleito).

Isso se deve às conquistas ao longo do processo “bolivariano” iniciado por Chávez, que beneficiaram em particular a classe trabalhadora: sistema universal de aposentadoria, redução da jornada de trabalho, ampliação de benefícios sociais na Constituição e na Lei Orgânica do Trabalho (LOTT).

No ato de 1º de Maio deste ano em Caracas e nos comícios eleitorais seguintes, Maduro pediu ajuda ao povo trabalhador. Hoje a discussão central é sobre quais medidas seriam necessárias para a recuperação da economia. Discussão que se dá também nos sindicatos, bairros populares e redes sociais.

Como recuperar a economia?

Para nós, do Coletivo Trabalho e Juventude (aderente ao Acordo Internacional dos Trabalhadores e Povos), a única forma de consolidar as conquistas é avançar, a melhor defesa é contra-atacar. Não pode haver trégua com a burguesia parasitária, os bancos e sua guerra financeira.

Assim, a intervenção no Banesco deve abrir a via para a nacionalização de todo o sistema financeiro. O desabastecimento deve ser combatido com a nacionalização do comércio exterior, o controle de preços dos produtos

básicos, o controle operário e popular da cadeia produtiva e a expropriação dos especuladores.

É necessária também a estabilização do câmbio, mediante o controle da distribuição de divisas em mãos do Estado para o setor privado. A isso se soma a adoção de um regime tributário progressivo que taxe o grande capital, a especulação e o consumo de luxo, combater a evasão fiscal, reservar o subsídio à gasolina apenas para o transporte público, defender as empresas estatais com controle dos trabalhadores e atacar a corrupção e burocratização no interior do próprio Estado venezuelano.

Alberto Salcedo,
Maracaibo, 8 de maio



Oligarcas tremam, Maduro ganhará, diz o cartaz

A VOZ DO IMPÉRIO

O vice-presidente dos EUA, Mike Pence, exigiu em 7 de maio que a Venezuela faça “eleições reais” no lugar da “fraude” prevista para 20 de maio, e pediu que o país seja suspenso da Organização dos Estados Americanos (OEA), num discurso diante do Conselho Permanente da entidade em Washington.

E não parou por aí, pediu aos demais países a suspensão do país da OEA, e que impeçam o governo da Venezuela de “lavar dinheiro” em seus sistemas financeiros, acompanhando os EUA na imposição de sanções econômicas contra Maduro, funcionários de seu governo e da petroleira PDVSA.

Antes dessa declaração de guerra de Pence, o secretário geral da OEA, o uruguaio Luís Almagro, já havia pedido sanções à Venezuela para encerrar a “ditadura” e resgatar o povo venezuelano das mãos de Maduro. “Pedimos sanções para acabar com uma ditadura. Sem indulgências, sem hipocrisias, sem dúvidas. (...) se tivéssemos feito isso há três anos, teríamos poupado o povo da Venezuela de sofrer muitas dores”.

Nos últimos meses o governo Trump, além de proibir entidades dos EUA de negociarem a dívida venezuelana e da PDVSA, também proibiu a comercialização da criptomoeda (moeda virtual) criada por Caracas, a “petro”.

Das entidades sancionadas por Washington, 16 tem sede na Venezuela e quatro no Panamá, segundo informa o Departamento do Tesouro dos EUA em seu site.

Mais do que nunca é atual a consigna: Trump, tire as patas da Venezuela! Respeito ao direito soberano do povo venezuelano decidir o seu destino!

Assine O TRABALHO

Receba O Trabalho em sua casa, a cada quinzena

■ 12 edições: R\$45,00 ■ 24 edições: R\$90,00 ■ 24 edições Solidário: R\$150,00

A partir do nº _____ Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Peça sua assinatura por e-mail ou carta

Deposite na conta Banco do Brasil - Agência: 4055-X, C/C: 8894-3 - CNPJ: 09001210/0001-79
Envie comprovante junto com o cupom para Rua Caetano Pinto, 678 - CEP 03041-000 - São Paulo
Fone: (11) 2613-2232 - e-mail: otjornal@uol.com.br